

GRAMÁTICA COMO REDE: RELAÇÕES ENTRE CONSTRUÇÕES

Priscilla Mouta Marques (UFRJ)¹ e Deise C. de Moraes Pinto (UFRJ)²

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo aplicar e discutir alguns conceitos postulados dentro do quadro teórico recente da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) a partir do estudo do caso das construções adverbiais com adjetivos, locuções adverbiais e advérbios em –mente, bem como refletir sobre algumas questões teórico-metodológicas que vêm emergindo a partir das análises dos dados. As construções adverbiais com adjetivos estão interligadas às locuções adverbiais e advérbios em –mente por um esquema mais geral e ora apresentam contrapartes entre si, ora não, o que parece demonstrar que cada uma destas construções atende a um (ou mais) diferente(s) propósito(s) na língua.

PALAVRAS-CHAVE: adverbiais; rede de construções; mudanças construcionais; construcionalização.

ABSTRACT:

This work aims to apply and discuss some concepts postulated in the recent theoretical framework of Usage-based Linguistics from the case study of the adverbial constructions with adjectives, adverbial phrases and adverbs in –ly, and it also aims to reflect on some theoretical and methodological issues that have emerged from the data analysis. The adverbial constructions with adjectives are linked to adverbial phrases and adverbs in -ly by a more general scheme and in some cases have counterparts among them, and in some others do not, which suggests that each of these constructions serves a (or many) different purpose(s) in the language.

KEYWORDS: adverbials; construction network; constructional changes; constructionalization.

1 Professora do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ, pmouta@gmail

2 Professora do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ, deisecmp@hotmail.com

1. A VISÃO DE GRAMÁTICA COMO REDE DE CONSTRUÇÕES

A Linguística Funcional Centrada no Uso consiste em um modelo fruto da aproximação entre o Funcionalismo norte-americano e a Linguística Cognitiva, mais precisamente a Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001). Segundo a visão da LFCU, os elementos linguísticos não se dispõem de modo discreto nas categorias e podem transitar entre elas, formando um *continuum* e permitindo, do ponto de vista sincrônico, que haja competição (variação) e, do ponto de vista diacrônico, que ocorra mudança.

Em uma abordagem construcionista, não se observa apenas a mudança em um item linguístico, como se faz no modelo clássico da gramaticalização, mas sim a mudança na construção, vista como um pareamento forma-sentido (cf. GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001). Sob essa perspectiva, é possível compreender o aparecimento de novas construções verificando os micropassos (microinovações) da mudança, sejam eles só na forma ou só na função (chamados mudanças construcionais, nos termos de TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), ou a mudança em ambos, ou seja, no pareamento forma-função (chamada construcionalização, cf. TRAUGOTT & TROUSDALE, *op. cit.*), o que implica em reestruturação na rede de construções. Nesse sentido, também é possível estudar as demais construções que estão em competição na rede, isto é, o estudo da variação também é contemplado nesse modelo, já que a gramática é vista como uma rede de nós (construções) que se conectam através de *links* e cada novo nó que surge leva a uma reorganização dessa rede, com novas relações entre as construções. Além disso, mesmo em competição, duas (ou mais) construções sempre apresentam distribuições ou restrições diferentes e que devem ser analisadas. Ressalta-se que o surgimento de uma construção segue o desenvolvimento de microinovações no uso que levam à formação de um novo signo. Entretanto, nem toda inovação leva necessariamente à mudança. Uma inovação só constitui mudança quando convencionalizada, ou seja, quando disseminada e aceita pela comunidade linguística.

A variação, a mudança e a estabilidade das construções linguísticas estão relacionadas à atuação de processos cognitivos de domínio geral, e não exclusivos da linguagem. Bybee (2010) explica a relação entre tais processos e a linguagem:

a) categorização – é um processo que interage com todos os outros processos, conforme veremos adiante. Permite-nos identificar um elemento com um determinado conjunto por semelhança e é de domínio geral porque vários tipos de categorias, não só linguísticas, são criados a partir da experiência. Na linguagem, a categorização ocorre quando palavras, sintagmas e seus componentes são reconhecidos e relacionados a representações armazenadas na memória.

b) *chunking* – é o processo pelo qual sequências de unidades se unem para formar um todo. Sequências repetidas são armazenadas na cognição e acessadas como uma única unidade complexa. Como domínio geral, o *chunking* ajuda a entender por que, com a prática, as pessoas melhoram nas tarefas neuromotoras e cognitivas. Na linguagem, o *chunking* é básico para a formação de construções. A

interação do *chunking* com a categorização dá às sequências convencionalizadas graus variáveis de analisabilidade e composicionalidade³.

c) memória rica – diz respeito ao armazenamento dos detalhes da experiência (detalhes fonéticos, contextos de uso, significados e inferências). Esses detalhes são mapeados em representações existentes, através da categorização. Na linguagem, a memória é representada em exemplares estabelecidos a partir das ocorrências (*tokens*). Cada experiência na memória, seja ela linguística ou não, tem impacto nas representações cognitivas.

d) analogia – é o processo pelo qual novos enunciados são criados com base em enunciados anteriores. A analogia também depende da categorização já que partes das ocorrências anteriores devem ser analisadas em unidades que são alinhadas e categorizadas antes que novos enunciados possam ser formados. Como domínio geral, a analogia tem sido estudada em termos de estruturas relacionais em estímulos visuais, como cenas, formas e cores.

e) associação transmodal – é o que possibilita o *link* entre forma e significado.

Além da influência dos processos cognitivos gerais mencionados, três fatores estão envolvidos nos vários tipos e fases da mudança. São eles:

a) esquematicidade – é uma propriedade da categorização que envolve abstração. Um esquema é uma generalização de categorias, sejam elas linguísticas ou não. Segundo Kemmer (2003, p. 78), “são padrões de experiência essencialmente rotinizados, ou cognitivamente entrincheirados”. Linguisticamente, são grupos de construções semanticamente gerais, abstrações percebidas pelos usuários como relacionadas na rede construcional. A esquematicidade tem a ver com o quanto uma construção captura padrões mais gerais em um conjunto de construções específicas e nos permite verificar se uma construção se torna ou não mais abstrata, mais geral ou não, podendo vir a ser substantiva (*curtir gigante*), parcialmente esquemática (como as construções [Xmente]) ou totalmente esquemática, sem material fônico ([V Adverbial]).

b) produtividade – é um parâmetro gradiente e está relacionado à ampliação ou restrição dos (sub) esquemas de uma construção. A produtividade tem sido muito relacionada às frequências *token* e *type* (cf. BYBEE, 2010) de uma dada construção. A frequência *token* (de ocorrência) diz respeito ao número de vezes que uma mesma unidade ocorre, enquanto a frequência *type* (de tipo), ao número de expressões de um padrão em particular, ou seja, aos tipos de elementos que preenchem os *slots* de uma construção. Traugott e Trousdale (2013) traçam um paralelo entre frequência *token* e frequência do construto e frequência *type* e frequência da construção e acrescentam que o aumento da gama de colocações (“host-class expansion”, cf. HIMMELMANN, 2004) é um sinal de aumento da produtividade.

³ A composicionalidade é um parâmetro semântico e refere-se ao grau de previsibilidade do sentido do todo a partir do sentido das partes que o compõem. A analisabilidade é um parâmetro morfossintático, de reconhecimento dessas partes. Conforme explicitaremos adiante, estamos trabalhando com os conceitos de analisabilidade e de composicionalidade de Traugott e Trousdale (2013), que não separam esses dois parâmetros. A visão de que estes devem ser considerados separadamente pode ser observada em Bybee (2010).

c) composicionalidade – diz respeito ao grau de transparência entre forma e sentido. Se um construto não é semanticamente composicional, haverá incompatibilidade (*mismatch*) entre o significado dos elementos individuais e o significado do todo. Neste trabalho, adotamos o conceito de composicionalidade de Traugott e Trousdale (2013), que incluem uma dimensão sintática/formal nesse fator. Nas palavras dos autores, “analísabilidade é um subtipo de composicionalidade e, portanto, não a tratamos como uma categoria separada⁴” (p. 20, tradução nossa).

Assim, o modelo da construcionalização e das mudanças construcionais permite, em termos metodológicos, (a) verificar os *links* entre construções; (b) verificar os fatores que levam uma construção a migrar de um nó na rede e passar para outro nó, ampliando o paradigma de elementos que podem atuar de forma semelhante; (c) observar a inter-relação dos níveis linguísticos em rede: a memória sendo rica leva à retenção de variação, inferência e elementos repetidos e, assim, elementos de todos os níveis estão conectados em redes; e (d) verificar os graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade de dada construção.

A seguir, para efeito de exemplificação, apresentamos um estudo com construções adverbiais.

2. A CONSTRUÇÃO COM ADJETIVO ADVERBIALIZADO

Embora se configure como uma construção altamente produtiva no português brasileiro contemporâneo, assim como o é nas demais línguas românicas (HUMMEL, 2002), os estudos sobre os adjetivos adverbializados são relativamente escassos. Pautando-se em linhas de investigação distintas, tais pesquisas serviram de base para o delineamento do projeto intitulado “Entre nós e links: análise dos adjetivos adverbializados sob uma perspectiva construcional”⁵, que, seguindo o arcabouço teórico-metodológico da LFCU, visa mapear a rede da construção com adjetivo adverbializado no português brasileiro contemporâneo, analisando quais fatores estruturais, cognitivos e pragmático-discursivos estão envolvidos em seu uso, e identificar o esquema que interliga esta construção a outras duas construções adverbiais (*Xmente* e locuções adverbiais) de mesma base lexical, buscando, inclusive, elucidar por que não há em certos casos as contrapartes nesses dois outros padrões construcionais (por exemplo, “voar baixo”) e em outros casos sim, como em “agir tranquilo”, “agir tranquilamente”, “agir com tranquilidade”. Postulamos que estes três padrões estão relacionados a um nó central e, apesar de aparentemente apresentarem equivalência semântica, desempenham funções pragmático-discursivas distintas, sendo, portanto, recrutados pelos falantes para desempenhar propósitos comunicativos específicos. Subjaz a esta hipótese o princípio da não-sinonímia (GOLDBERG, 1995), segundo o qual se duas (ou mais)⁶ construções forem diferentes sintaticamente, também o serão semântica ou pragmaticamente.

Como pode ser depreendido pelo que já fora anteriormente exposto, partimos da noção de construção gramatical, proposta pela Gramática de Construções, mais especificamente por Goldberg (1995, 2006)

4 “We consider analyzability to be a subtype of compositionality and therefore do not treat it as a separate category” (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p.20).

5 Este projeto é desenvolvido por Priscilla Mouta Marques e a ele estão vinculados 1 aluno de Iniciação Científica (Rodrigo Pinto Tiradentes) e 1 aluna de Doutorado (Júlia Langer de Campos). Esta desenvolve uma análise especificamente sobre as **construções qualitativas** com adjetivos adverbializados, com *Xmente* e com locuções adverbiais de mesma base lexical.

6 Inserção nossa.

e Croft (2001), segundo a qual construções seriam pareamentos convencionais de forma e sentido, estando relacionadas à forma propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, e ao sentido, propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Tais construções estariam interligadas em uma rede (GOLDBERG 2003, 2006; CROFT, 2007; LANGACKER, 2008; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), e esta rede mutável, dado o caráter dinâmico das línguas, comporia o nosso conhecimento linguístico. De acordo com Hudson (2007), essa concepção de língua como rede de construções envolve conceitos, caros à pesquisa proposta, como nós e *links* entre nós, distância entre os membros de uma família, agrupamento de propriedades, graus de entrincheiramento e acessibilidade de uma construção.

Neste artigo, apresentaremos um pequeno esboço da rede da construção com adjetivo adverbializado no português brasileiro contemporâneo e a relação desta com outras que apresentam alguma propriedade (no nível da forma ou do sentido – em termos croftianos (CROFT, 2001)) em comum. Além disso, apontaremos algumas inquietações, concernentes tanto à metodologia quanto à teoria, que foram sentidas ao longo da análise a que o estudo supracitado se propõe. Destacamos que não pretendemos responder a todas as questões aqui levantadas, mas suscitar, com a apresentação delas, reflexões ao leitor sobre os pontos nelas tratados.

Neste primeiro momento da pesquisa, foram coletados dados do *Corpus do Português* e analisadas instâncias da construção com adjetivo adverbializado, especificamente as que apresentavam os adjetivos *claro*, *alto* e *certo* com função adverbial:

(1) “É indiscutível a produtividade de muitos latifúndios que acabam gerando divisas. Mas, com a tecnologia avançada, estão mais dispensando do que contratando trabalhadores. As lavouras de cana **estão investindo alto** em tecnologia. Só que o mercado interno, quem abastece é a pequena e a média produção.” (19Or:Br:Intrv:ISP)

(2) “A serpente [...] principiou a babá-lo com a gosma abundante e lubrificadora do seu uso a fim de engoli-lo lenta e voluptuosamente. Foi quando João Cabeludo, fazendo pontaria com a espingarda, **atirou certo** na cabeça da sucuriju. A bala esmigalhou o crânio com tal precisão que a serpente logo se desenrolou da árvore e tombou morta.” (19:Fic:Br:Morais:Igaraunas)

(3) “Afirmativo Jabuti Um. **Estou lhe ouvindo alto e claro**. Entendido que houve chafurdo. Prossiga.” (19:Fic:Br:Cabral:Xambioa)

Algumas questões que vieram à baila no momento da coleta e análise dos dados merecem ser destacadas: dada a polissemia da construção com adjetivo adverbializado e das demais construções adverbiais de mesma base lexical, qual esquema seria por elas instanciado? Poderia tal esquema apresentar apenas forma ou apenas sentido, acarretando, neste nível mais abstrato, em uma relativização da relação entre forma e sentido postulada pela noção de construção (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001) adotada pela LFCU? Se sim, como lidar com casos, possíveis segundo Traugott e Trousdale (2013),

de construcionalização de esquemas? Essas duas últimas perguntas são decorrentes da imprecisão da definição de *esquema* observada em Traugott e Trousdale (2013). Os autores definem *esquema*, primeiramente, como um grupo semanticamente geral de construções, sejam estas procedurais ou conteudísticas. Mais adiante, porém, ao abordarem processos de mudança, apontam que “a construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e é, portanto, gradual” (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013:22). Por ser construcionalização definida como a criação de um novo nó na rede, ou seja, o estabelecimento de um novo pareamento forma-sentido convencionalizado (*op. cit.*), para haver construcionalização no nível do esquema, seria necessário que este apresentasse uma forma e um sentido.

Vejamos a figura abaixo⁷:

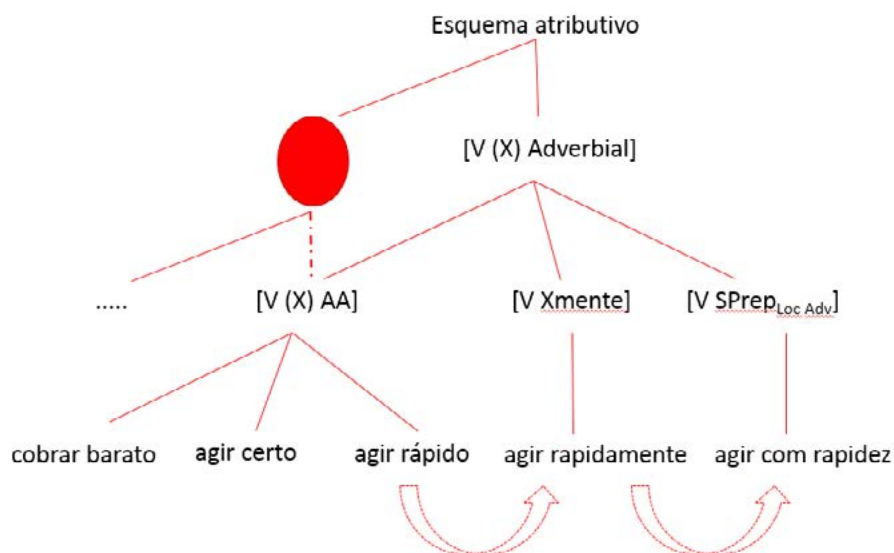


Figura 1: Rede da construção atributiva.

Propomos com esta rede⁸ que o esquema atributivo, aqui considerado um supraesquema, abarca todos os padrões atributivos, como, por exemplo, os que apresentam a forma [V (X) Adverbial] e os que predicam núcleos nominais – caso das construções adjetivais, às quais o subesquema [V (X) AA] está relacionado por traços de herança. A proposição de um supraesquema, que se configura como um nível máximo de abstração, deve-se ao fato de que categorizamos os elementos linguísticos por semelhanças por eles apresentadas, sejam elas no nível da forma, sejam no nível do sentido, não havendo, portanto, a necessidade de este elo⁹ apresentar um pareamento forma-sentido. Tais pareamentos seriam observados em níveis de esquematização mais baixos, como, por exemplo, no esquema [V (X) Adverbial], instanciado pelos subesquemas [V (X) AA], [V Xmente] e [V Sprep], que, embora estejam semanticamente relacionados, apresentam, por hipótese, características pragmáticas e discursivo-funcionais distintas. Estes subesquemas, por sua vez, são instanciados por microconstruções polissêmicas, interligadas por um sentido mais geral (atributivo).

7 O X presente na notação utilizada na figura refere-se a um elemento interveniente não obrigatório entre o verbo e o adjetivo adverbializado, podendo ser um dos argumentos do verbo ou um intensificador.

8 Ressaltamos que a rede proposta apenas capta as construções de cunho atributivo, em que o elemento adverbial modifica o escopo verbal, estando de fora da análise, portanto, os casos em que esses elementos atuam como modificadores sentenciais ou adjetivais.

9 Para nos referirmos ao supraesquema, utilizamos o termo *elo* e não *nó* (ou *nódulo*), por este ser definido como um pareamento forma-sentido na literatura (HUDSON, 2007; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, entre outros).

As microconstruções de [V (X) AA] apresentadas diferem-se em alguns aspectos: (i) há, no caso de *agir rápido*, as contrapartes nos outros dois padrões construcionais – *agir rapidamente/ agir com rapidez* –, mantendo a mesma semântica qualitativa; (ii) embora haja a ocorrência de *agir certamente* e *agir com certeza*, essas microconstruções apresentam diferenças de cunho semântico com a microconstrução *agir certo*, uma vez que o caráter qualitativo observado nesta não o é nas outras duas microconstruções, em que o advérbio modifica o verbo imprimindo-lhe a ideia de modalidade; (iii) no caso de *cobrar barato*, as contrapartes em *–mente* e com locução adverbial não foram encontradas. Este tipo de microconstrução seria, por hipótese, a única opção de construção adverbial na língua para desempenhar determinada função pragmático-discursiva.

Ainda no que tange o subesquema [V (X) AA], observamos que as instâncias com valor de intensidade recrutam elementos adjetivais escalares, como, por exemplo *alto*, *gigante*. Vejamos o exemplo seguinte:

(4) “A NET é completa para você curtir gigante” (<http://www.netcombo.com.br/static/html/ofertabasecombomulti/>)

No exemplo (4), o adjetivo *gigante* modifica o verbo *curtir*, intensificando-o. Hipotetizamos que este uso esteja relacionado à metáfora “MAIS É PARA CIMA” (Lakoff & Johnson, 1980). Por ser *gigante* o topo da escala de altura, a construção *curtir gigante* pode ter sido recrutada para poder transmitir a expressividade que a construção com o advérbio *muito*, por exemplo, não mais teria nesta situação comunicativa específica, dada, possivelmente, a sua alta frequência de ocorrência. Embora haja, tanto no caso de *gigante* quanto no de *alto*, a contraparte em *–mente* (*gigantemente*, *altamente*), estas formas são usadas na grande maioria das vezes como modificadoras de adjetivos no português brasileiro contemporâneo (exemplos 6 e 7, adiante). No *corpus* utilizado neste estudo, houve apenas 1 (uma) ocorrência de *altamente* como modificador do escopo verbal (exemplo 5, abaixo):

(5) “Eles precisam de muito apoio e informação sobre os cuidados do filho prematuro, como alimentação, eliminação, crescimento, necessidades especiais e sobre a prematuridade, além de informações sobre problemas de saúde aparentemente secundários, como infecções respiratórias que causam dificuldades respiratórias e hérnias que precisam de vigilância e eventual cirurgia, as quais **afligem altamente** os pais. Os pais devem ser orientados, ainda na UTIN, sobre relação de compensação, estímulo e excitação do prematuro, atenção, superproteção, disciplina e o impacto na família”. (19Ac:Br:Lac:Thes)

(6) “O Governo achou que com o problema da reeleição ele conseguiria unificar sua base de sustentação e com isso viabilizar com mais facilidade as reformas, mas o objetivo maior são as reformas. A reeleição é um problema complicado porque envolve interesses pessoais, corporativistas, mas o instituto da reeleição **é altamente sadio**”. (19Or:Br:Intrv:Pov)

(7) “Com essas carinhas **gigantemente** *fofas* deviam ser chamados de Pantufas e colocados pra pular pela casa. Culpa desses coreanos que não sabem manter uma dieta com a quantidade de proteína necessária”. (<http://vida-de-plastico.blogspot.com.br/2008/04/pantufas-gigantes.html>)

Embora seja possível no português brasileiro contemporâneo o uso do adjetivo *certo* como modificador do escopo do verbo *dar*, atribuindo-lhe um caráter qualitativo, como em *Ela deu certo as cartas* (“ela deu as cartas de modo correto”), os construtos da microconstrução *dar certo* extraídos do *corpus* utilizado eram exemplares de tal construção com um maior grau de lexicalização, usada no sentido de “ter êxito, progredir, prosperar”, conforme podemos observar em:

(8) “Para FHC, sua presença no evento não reforça as denúncias de uso da máquina pública em sua campanha. ‘Eu sou tucano, o Ciro é tucano, e estou torcendo para que o Brasil **dê certo**’, disse. ‘Nós queremos os tucanos mostrando que sabem governar’”. (Trecho da notícia *FHC desautoriza ACM sobre ministério*, publicada na Folha de São Paulo, em 9/09/1994 – 19N:Br:Folha).

Os dados coletados permitem, então, que observemos dois fatiamentos sintáticos distintos, ilustrados na figura 2, apresentando diferentes níveis de entrincheiramento entre os elementos componentes do subesquema [V (X) AA].

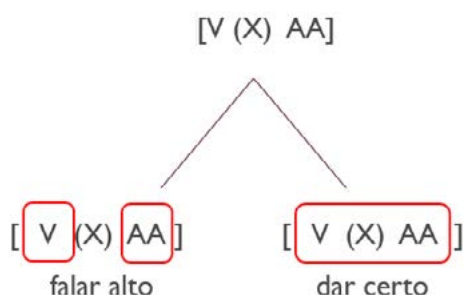


Figura 2: Construção com adjetivo adverbializado: fatiamentos sintáticos distintos.

Dados o fatiamento sintático distinto¹⁰ (revelando um maior entrincheiramento entre os elementos componentes da microconstrução *dar certo*) e o conseqüente esvaziamento semântico do verbo *dar* e do adjetivo *certo* em casos como o apresentado em (8), *dar certo* (assim como outras microconstruções com AA lexicalizadas) pertenceria a uma rede distinta da dos adjetivos adverbializados, estando a esta ligada por traços de herança, uma vez que a frequência de uso destes elementos em sequência, primeiramente com função qualitativa, propiciou este novo pareamento forma-sentido? Consideramos que tal microconstrução pertenceria a outro subesquema, instância do supraesquema resultativo, já que apresenta uma relação forma-sentido distinta daquelas observadas nas construções [V (X) AA] não lexicalizadas. Quanto à relação de herança, defendemos que esta pode ser estabelecida pelo fato de a microconstrução em questão ser vista como uma conseqüência do gradativo entrincheiramento da sequência sintagmática [V (X) AA], mesmo esse V sendo um verbo suporte (como o é no caso em questão), mesmo havendo restrição nesta construção quanto ao tipo de elemento interveniente

10

O fatiamento sintático de *dar certo* quando em função qualitativa é diferente do observado quando em função resultativa.

(somente intensificador (exemplo 9) e argumento externo (especificamente os pronomes *tudo* ou *nada* – exemplo 10) e o adjetivo presente na construção não mais ser um modificador do verbo, dado o fato de ambos serem acessados como um único bloco cognitivo (*chunk*), apresentando, portanto, um alto nível de entrincheiramento e consequente perda de composicionalidade.

(9) “Em 80 engravidei, e fizeram o compacto com “ Eu voltei “, que também foi tema de novela, novela que não **deu muito certo**, e olha que o par romântico da minha canção era o Fábio Júnior e a Míriam Rios”. (19Or:Br:Intrv:Web)

(10) “Com brindes de champanhe francês e em ritmo de festa, Henrique Hargreaves reintegrou-se ontem à equipe do presidente Itamar Franco. Ele volta ao comando do Gabinete Civil da Presidência. ‘É muito bom e é motivo de alegria constatar que **deu tudo certo**’, desabafou o ministro no Congresso já atuando como negociador do Plano FHC”. (19N:Br:Folha)

Apesar de na proposição de rede apresentada neste artigo termos seguido a ideia de que as propriedades semânticas seriam suficientes para enquadrarmos determinadas formas em uma mesma configuração taxonômica, questionamo-nos sobre as propriedades discursivo-pragmáticas destas formas. Em outras palavras, apenas no nível subesquemático tais propriedades seriam levadas em conta? Em uma linha de investigação que atribui um grande peso a fatores de ordem comunicativa na composição do discurso, considerando este espaço, o da interação, o *locus* da inovação, da mudança, da regularização e padronização de estruturas, relacionar a categorização de construções a propriedades apenas semânticas soa-nos, no mínimo, estranho.

Outras questões que levantamos são referentes à competição de construções: se a forma é a mesma, em um nível mais genérico e abstrato (por exemplo, [V Adverbial]), a semântica é a mesma (por exemplo, qualitativa), mas as propriedades discursivo-pragmáticas se diferem, poderíamos afirmar que as construções com adjetivo adverbializado, *Xmente* e locução adverbial estão em competição? A competição seria verificada em todos os níveis ou estaria relacionada ao nível do construto? O que seriam construções em competição sob a ótica da abordagem construcionista proposta pela LFCU?

Consideramos que um dos grandes desafios para os pesquisadores desta corrente teórico-metodológica seja, neste momento, refletir sobre o impacto da abordagem construcionista nos estudos de base funcionalista, levando em conta princípios e conceitos tão caros à Linguística Funcional, e estabelecer, a partir do confronto entre aspectos de uma ou outra abordagem, um caminho em comum, que permita o diálogo em todos os níveis dos trabalhos desenvolvidos na área. Conforme mencionamos anteriormente, intentamos, neste artigo, destacar os nossos questionamentos, não necessariamente apresentando respostas para eles. Embora as perguntas aqui expostas sejam norteadoras do desenvolvimento de nossa pesquisa, acreditamos que sirvam de ponto de partida para uma maior reflexão acerca dos pontos nelas destacados.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos, a partir da apresentação do esboço de uma arquitetura que abrangesse as construções adverbiais de cunho atributivo, dentre elas a construção com adjetivo adverbializado, e de algumas análises concernentes especificamente a esta construção no português contemporâneo, suscitar uma reflexão¹¹ acerca de pontos que consideramos relevantes não só para a análise proposta no projeto de pesquisa em questão, mas para a trajetória dos estudos cognitivo-funcionais, sob a égide da Linguística Funcional Centrada no Uso.

REFERÊNCIAS

- Bybee, J. (2010). *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Croft, W. (2001). *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- Croft, W. (2007). Construction Grammar. In: Geeraerts, D. & Cuyckens, H. (eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 463-508.
- Goldberg, A.E. (1995). *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: University of Chicago Press.
- Goldberg, A.E. (2003). Constructions: A new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences* 7, 219-244.
- Goldberg, A.E. (2006). *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press.
- Himmelmann, N. (2004). Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: Bisang, W.; Himmelmann, N.; Wiemer, B. (eds.). *What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 21-42.
- Hudson, R. (2007). *Language networks: the new word grammar*. Oxford: Oxford University Press.
- Hummel, M. (2002). Considerações sobre os tipos *Ela fala esquisito* e *Ela chega cansada* no português coloquial e literário do Brasil e de Portugal. *Confluência* 24, 43-70.
- Kemmer, S. (2003). Schemas and lexical blends. In: Cuyckens, H.; Berg, T.; Dirven, R.; Panther, K. *Motivation in language: Studies in honor of Günter Radden*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 69-97.

11 Alguns dos questionamentos aqui explicitados puderam ser debatidos no VIII Seminário Internacional e XXI Seminário Nacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, cujo fruto é a publicação deste número da revista *Linguística*. Algumas dessas indagações foram, minimamente, trazidas à baila em outros artigos aqui compilados.

Lakoff, G. & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press.

Langacker, R.W. (2008). *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press.

Traugott, E. & Trousdale, G. (2013). *Construcionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press.

Recebido em 03/10/2016

Aceito em 18/11/2016